



CATOLICISMO EM GOIÂNIA: NOTAS SOBRE EDUCAÇÃO RELIGIOSA A PARTIR DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA APARECIDA

Catholicism in Goiânia: notes about religious education from Our Lady Appeared parish

Flávio Munhoz Sofiati*

Marcus Vinicius de Sousa Silva Barbosa**

Lucinéia Scremin Martins***

Universidade Federal de Goiás (UFG)

DOI: 10.29327/256659.14.1-8

RESUMO:

Neste artigo analisa-se a catequese desenvolvida com jovens na Paróquia Nossa Senhora Aparecida, situada na cidade de Goiânia (GO). Através da etnografia, busca-se compreender a catequese como um espaço produtor de processos educativos não formais na instituição católica, vislumbrando identificar as representações sociais e identidades construídas desde a educação religiosa, especialmente no contexto de intensificação do pluralismo e do trânsito religioso. A proposta é mapear as estratégias acionadas pelo catolicismo goianiense para ressignificar práticas e se apropriar de múltiplos signos visando manter a pertença, difundir tradições e evitar a perda de fiéis. Constatou-se que, por meio da catequese, a instituição aposta na negociação com os interesses juvenis e na realização de concessões que operam de modo a enfrentar a desinstitucionalização.

Palavras-chave: Religião; Catolicismo; Juventude; Educação não formal.

* Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor associado da Faculdade de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás (UFG). Membro do Núcleo de Estudos de Religião “Carlos Rodrigues Brandão” (NER), UFG e Bolsista Produtividade do CNPq. E-mail: sofiati@gmail.com

** Desenvolveu pesquisa de Iniciação Científica financiada pelo CNPq durante dois anos e foi bolsista PIBID/CAPES. Em 2019 recebeu menção honrosa como um dos melhores trabalhos apresentados na premiação “Sociólogos do Futuro” durante o XIX Congresso Brasileiro de Sociologia. Mestrando em Antropologia Social na Universidade Federal de Goiás (UFG) E-mail: vmarcus@discente.ufg.br

*** Doutora em educação e professora associada da Faculdade de Ciências Sociais e Programa de Pós-Graduação em Sociologia na Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: luascremin@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Com a modernidade e seu processo de individualização, o campo religioso sofreu transformações que comprometeram a reprodução social das instituições religiosas, que são vivamente representantes da tradição, como a Igreja Católica no caso brasileiro. O advento do pluralismo e a intensificação do trânsito religioso são algumas características do atual contexto de secularização. Carlos Rodrigues Brandão e Jadir Pessoa (2005) apontam que, nos tempos hodiernos, cada pessoa que fosse potencialmente senhora de seu próprio destino religioso transitava entre diferentes sistemas de sentidos em busca de bens de salvação.

Brandão (2013) identifica a existência de uma forte *comunidade na diáspora* capaz de ressignificar a realidade do catolicismo contemporâneo, uma vez que os números de indivíduos que se consideram pertencentes à religião, sem estarem necessariamente comprometidos com a instituição, elevam-se cada vez mais. Assim, o autor demonstra a existência de uma grande quantidade de *católicos na diáspora*, muito mais do que nas paróquias propriamente. Nossa proposta é entender como a paróquia tem respondido a esse desafio.

Com a multiplicação das possibilidades de adesão, a liberdade de transitar entre as mais diversas denominações religiosas tornou-se demasiadamente recorrente. Na perspectiva de Ronaldo Almeida e Ariana Rumstain (2009) há não só a mobilidade de pessoas entre esses segmentos religiosos, mas também um trânsito dos mais diversificados bens de salvação dentro das próprias instituições.

Em pesquisa sobre a pluralidade do catolicismo, Almeida e Rumstain (2009) oferecem uma série de elementos para compreender como ocorre o trânsito religioso. Um deles é a saída da religião de origem para uma segunda religião (e desta para outras). O antropólogo informa que 90% das pessoas que se consideram católicas na vida adulta nasceram e vieram de famílias católicas praticantes, enquanto os não praticantes foram os que mais mudaram de religião, já que não existia essa preocupação nem a necessidade pujante de transmitir o ensino religioso desde a infância. Esses dados indicam o papel fundamental da educação religiosa e demonstram que esse processo educativo é um dispositivo imprescindível para a permanência dos fiéis na instituição, da mesma forma que a ausência dessas raízes e o investimento na educação para a fé favorecem a mobilidade.

Os dados do último Censo Demográfico (IBGE, 2010) indicam o decréscimo de pessoas que se declaram católicas, em especial no meio juvenil (no que tange ao segmento

social) e no Centro-Oeste (ao pensar as regiões do país), principalmente em Goiânia. Em vista disso, procura-se entender, tomando o caso particular de uma paróquia, como uma religião altamente difundida no Brasil, desde sua colonização, (re)cria processos e institui outras dinâmicas para manter sua posição e disputar – com os cada vez mais copiosos segmentos – possibilidades de consumir bens de salvação e experienciar o sensível, que surgem no interior do campo religioso brasileiro.

Assim, o presente artigo empreende uma tentativa de analisar a catequese desenvolvida com jovens na paróquia Nossa Senhora Aparecida, situada na região Norte da cidade de Goiânia, Goiás. O principal objetivo aqui é compreender analiticamente a catequese enquanto um espaço fundamental da instituição católica na elaboração de um complexo sistema de ensino-aprendizagem que pode ser situado no interior de processos educativos não formais (Gohn, 2006). Processos esses cujo objetivo é constituir comportamentos caracterizados por múltiplos aspectos. Com isso, o que se vislumbra é perceber e identificar como representações sociais e identidades se constroem através da educação religiosa, bem como o lugar que esta última assume no contexto de intensificação do pluralismo e do trânsito religioso.

Por esse caminho, a proposta é, também, mapear as estratégias adotadas pela Igreja Católica (IC) no sentido de (re)significar suas práticas e acionar outros signos, inclusive aqueles considerados seculares, como táticas para envolver, difundir suas tradições e assegurar o compromisso religioso ante a crescente tendência de desinstitucionalização de fiéis, especialmente os mais jovens. A partir disso, a intenção do texto é de colaborar com a compreensão da realidade do catolicismo na cidade de Goiânia/GO, e assim refletir sobre o demasiado interesse da IC em fortalecer a educação religiosa desde a base e a sua entrada no jogo de negociações com os interesses juvenis como caminho para frear a adesão às múltiplas pertencas.

UM MAPA DO CATOLICISMO GOIANIENSE

Apesar de defasados, os dados do Censo são as fontes mais seguras para a quantificação do campo religioso brasileiro. Os dados nacionais acerca das religiões foram amplamente debatidos no campo das ciências sociais da religião. Por esse motivo, segue abaixo somente um quadro dos dois últimos censos que ilustram a diminuição de católicos e o aumento do número de evangélicos no país.

No que se refere aos católicos e evangélicos, em Goiás o crescimento das igrejas evangélicas – que se ramificam em não determinadas (111.756), missionária (43.890) e pentecostal (266.806), conforme o Censo Demográfico de 2010 – é ainda maior se comparado aos dados do cenário nacional. As estatísticas apontam, ainda, um declínio incisivo na quantidade de indivíduos que se declaram católicos em todo o estado: em 2000 eram 68%, sendo que em 2010 esses números sofreram uma queda de cerca de 10%, totalizando 58,9%.

Em um recorte local, esses números se reduzem ainda mais na capital estadual onde 50,7% (662.570) da população considera-se pertencente ao espectro da religião católica, e 32,3% (422.455) se declaram evangélicos conforme o censo de 2010. Segundo dados levantados pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), Goiás aparece em 6ª posição entre os estados brasileiros com mais evangélicos pentecostais e em 20ª colocação em relação aos católicos. Goiânia é a capital brasileira com a maior proporção de evangélicos de igrejas pentecostais (266.806) em todo o país.

No que concerne à realidade da Arquidiocese de Goiânia, em Goiás, realizamos um levantamento das pastorais (19), movimentos (18), congregações e comunidades de vida (68) presentes na cidade de Goiânia, sede da Arquidiocese. Esse mapeamento permite visualizar quais grupos estão presentes nas organizações da Igreja Católica e a forma com que atuam os católicos no espaço eclesial, assim como identificar os aspectos comuns presentes entre eles. A análise do texto é centrada no caso específico de uma paróquia, mas é importante ilustrar como o catolicismo se articula na cidade, visto que a estrutura apresentada perpassa as várias paróquias da cidade.

Essas pastorais e movimentos se estendem e integram as paróquias e comunidades, estando presentes por toda a territorialidade da cidade de Goiânia/GO sob jurisdição da Arquidiocese e, inclusive, em espaços como a Rodoviária de Goiânia, caso do Serviço Pastoral dos Migrantes. Dentro da organização da Arquidiocese de Goiânia/GO, no ciberespaço, no que se refere às congregações, existe uma (re)afirmação da bifurcação de gênero (masculino/feminino) normalizada ao longo dos séculos que acompanha os preceitos da instituição religiosa e orienta à divisão de funções entre os gêneros dentro do corpo eclesiástico (bispos, padres, diáconos e freiras). Nessa esteira, o sítio da sede da Arquidiocese separa de forma sistematizada as congregações masculinas (16) das congregações femininas (48).

Essa forma de dispor as informações sobre seus grupos é orientada pela divisão institucionalizada e normativa da Igreja Católica sobre os papéis de gênero, que se reafirmam

desde o site institucional, passando pela esfera pública e chegando às outras dimensões da vida social, como a vida privada, influenciando nas ações sociais de seus membros. Essa dicotomia apresentada no ciberespaço pode ser visualizada no mapeamento das congregações vinculadas à Arquidiocese de Goiânia/GO.

Diante do contexto apresentado nos últimos dados do Censo Demográfico (Ibge, 2010), que indica a diminuição do peso da religião tradicional, tal como mencionado antes, abre-se espaço dentro do mercado religioso para o trânsito, as múltiplas pertencas e a busca de bens de salvação. Desse modo, a instituição católica passa a utilizar esses movimentos, pastorais, associações e congregações existentes dentro da Arquidiocese (mapeados nas duas tabelas), uma vez que possuem *lógicas próprias* de atuação como alternativa para frear o processo de desinstitucionalização da fé e como tática de disputa com outros segmentos religiosos que crescem em todo o estado, como o neopentecostal, por exemplo.

Nesse sentido, as ações religiosas dos fiéis católicos são orientadas por diferentes pontos de partida e experiências subjetivas com o sensível e com esses movimentos, que produzem essa multiplicidade de culturas católicas na cidade de Goiânia/GO. Diante disso, buscamos identificar e entender como essas ações religiosas (Weber, 1994) classificam essas culturas por meio da investigação qualitativa, da observação direta e do acompanhamento das atividades dos grupos católicos, que se percorreu durante a pesquisa de campo, tomando como referência o caso específico de uma paróquia e sua catequese.

CATEQUESE PAROQUIAL ENQUANTO EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Acerca da descrição do processo da catequese na paróquia estudada, a narrativa de um dos responsáveis, constatada por meio de entrevista, procura demonstrar o esforço em ampliar a compreensão de catequese e não a conceber com o fim último de alcançar apenas os sacramentos. Os responsáveis procuram entender as pessoas como sujeitos de suas histórias, os auxiliando a dialogar com o mundo. Nas palavras do então padre vigário, 52 anos, pertencente a congregação passionista e alinhado com as perspectivas da Teologia da Libertação:

A compreensão de padre da igreja hoje, em relação a catequese, que que é, nós compreendemos a catequese como processo permanente de educação da fé, o que que é isso, não é mais ter aquele perfil daquele catequista, daquele orientador, que

ele transmite um conteúdo ao sujeito, que é o catequizando, né, então aquele catequizando que não sabe e tem que ter alguém que ensina. Quando nós falamos e compreendemos a catequese como um processo permanente de educação na fé, é pensando esse sujeito na vida toda. Esse sujeito que tem algo a dizer, esse sujeito que tem uma experiência de Deus e quer ampliar isso no processo catequético. (...) um dos objetivos da catequese, é também, desenvolver um processo com as pessoas para que elas tenham condições de dialogar com essas diferenças de manifestações religiosas, né, porque hoje você percebe que tem um grau elevado muito grande de intolerância, né, as pessoas partem do princípio, “não a minha igreja é a certa”, não, eu costumo dizer assim, olha: quando bem vividos e vividas, todas as religiões, o princípio dela, é ajudar as pessoas a desenvolver um processo de maturidade na fé, o princípio é este. Agora, são caminhos diferentes, mas que ajudam as pessoas a irem até Deus. Para mim esse é o princípio básico. E a catequese ela precisa ajudar as pessoas a desenvolver um processo de tolerância, um processo de diálogo, não processos de disputas e um processo que ajude as pessoas a compreender sua vivência de fé (Entrevista Pároco, Paróquia Nossa Senhora de Aparecida, Goiânia-GO, 14 de maio de 2019).

Antes de darmos sequência a apresentação dos elementos que surgem da pesquisa de campo, recorreremos aos estudos que colaboram com o entendimento acerca da educação e da religião. Começamos com Aníbal Ponce (1989), ele é quem descreve a construção dos processos educativos desde as chamadas comunidades primitivas. O autor evidencia que a igreja sempre estabeleceu relações estreitas com a educação, sobretudo na Idade Média. No contexto do feudalismo, as escolas religiosas eram os únicos meios de instrução e cultura letrada. A classe popular deveria se contentar com o acesso limitado a uma educação *alienada*. A essas pessoas não era permitido “ler e nem a escrever, a finalidade dessas escolas não era instruir a plebe, mas familiarizar as massas camponesas com as doutrinas cristãs e, ao mesmo tempo, mantê-las dóceis e conformadas” (Ponce, 1989, p. 91).

Peter Berger (2017) define, em referência à teoria de Arnold Gehlen, que as instituições são “um programa de comportamento que, quando adequadamente interiorizado, faz o indivíduo agir espontaneamente e sem muita ou nenhuma reflexão no setor relevante da vida social” (Berger, 2017, p. 77). No mesmo sentido, o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2011) nos ajuda a pensar, através de sua elaboração do conceito de *habitus*, a instituição religiosa e os processos educativos que se configuram de modo a produzir sujeitos católicos em seus espaços. Na compreensão desse autor, o *habitus* nada mais é que a assimilação de práticas, a apreensão da vivência e a interação do indivíduo em determinado campo e estrutura de uma instituição reguladora.

Nas palavras do sociólogo, “os *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas” (Bourdieu, 2011, p. 22); ou seja, é a construção de perfis e representações sociais que se baseiam em classificações que já eram existentes e que se tornam inteligíveis quando absorvidas durante essa vivência. De tal modo, o *habitus* se apresenta enquanto uma estrutura estruturada e estruturante, isto é, um conjunto de práticas e discursos elaborados desde uma série de regras, valores e dinâmicas que se tornam mais que próprias desses espaços. Elas se revelam produtoras dos agentes e das relações a partir de um feixe de princípios e expertises que instituem um saber-ser-fazer, ou seja, um sistema que é estruturante não só das práticas e representações, mas dos processos de subjetivação, funcionando de modo a estruturar e a reger, quando incorporada nos agentes suas ações, consciente e inconscientemente.

Com essa pesquisa buscamos compreender analiticamente os espaços da catequese – práticas litúrgicas, entre outros – como processos educativos. À guisa de Bourdieu, sugere-se ser a propagação desse saber-ser-fazer numa forma específica de se posicionar e olhar para o mundo social e o *ethos* católico convencionado, no qual a práxis dos indivíduos passa a ser moldada. Os recursos metodológicos qualitativos utilizados apontam que a produção de uma identidade e um modo específico de ser no mundo são possíveis mediante o processo de ensino-aprendizagem da catequese, que possibilita a incorporação do *habitus* católico por meio de um programa de comportamento, conforme a acepção de Berger, estabelecido pela instituição reguladora, ou seja, em última instância, a Paróquia.

Para pensarmos na catequese paroquial e seus desdobramentos enquanto educação não formal, partimos da perspectiva de Gohn (2006), socióloga que define a educação não formal, bem como os processos que dela são provenientes, como aquela que se efetiva em espaços que fogem da formalidade e da tutela estatal, tendo como norte a difusão por meio do diálogo, interação e experiência – práticas emancipatórias que, antes de tudo, priorizem a transformação da realidade social.

A categoria elaborada pela autora nos é importante, pois foi ela a responsável por orientar estrategicamente, *a priori*, a etnografia realizada junto à catequese, e por evidenciar que uma teoria se mostra robusta quando se permite ser fraturada. Desde o primeiro contato e nossa inserção direta em campo, entendemos a inevitabilidade de relativizar e partir de categorias êmicas ao analisá-lo, ao invés de concentrar-nos em um viés teórico

previamente adotado. A intenção, com isso, foi a de conduzirmos a experiência etnográfica tendo em vista o que Malinowski (1978) nomeia enquanto *sinceridade metodológica*, isto é, evitar a elaboração de conclusões autoritárias acerca do campo, *manipular fatos* ou torná-los *como que extraídos do nada*. Isso ocorre sobretudo ao realizar inferências categóricas e afirmativas no que tange à identificação de um tipo de educação que produz, ou não, um ensino que realiza um movimento inverso (de conservação do *status quo*) do que é concebido como educação não formal por Gohn (2006).

O chão etnográfico indicou que os pontos de partida das pessoas que compõem esses espaços são outros. As histórias de vida demonstraram que elas tiveram, em algum momento, experiências extraordinárias com o sensível ou outros acontecimentos que as levaram a estar e a se denominarem como pertencentes à religião. Mesmo que seja uma imposição familiar e/ou cultural, já que a identidade religiosa do catolicismo é herança colonial no país que dificulta que as pessoas anunciem uma segunda religião, trata-se de uma experiência subjetiva cuja trajetória individual que as fizeram estar ali as auxilia a encontrar sentidos.

Diante disso, o conceito de educação não formal foi desestabilizado e mobilizado como ponto inicial e não determinante na análise do fenômeno social. Assim, foi percorrido a trajetória e agências individuais dos sujeitos inseridos nessa estrutura, buscando mostrar como esses atores a entendem. Na ótica das pessoas inseridas nesses espaços, de fato é um processo de transformação e produção de mudança na realidade social desses indivíduos.

Durante as observações foi possível percebermos que esses jovens atribuem a fé ao ser católico, que opera na (re)construção e fortificação da identidade de um sujeito específico dentro desses espaços a partir dos processos de ensino-aprendizagem, quais sejam: o papel de discernimento, de crescimento espiritual, direcionamento de vida e conjunto de conhecimentos a serem colocados em prática, transformando suas realidades sociais e as emancipando naquilo que querem e se propõem emancipar.

Nas aulas destinadas à catequese, não há exigência de avaliações e testes, pois se supervaloriza o espiritual em detrimento do científico-racional, além de não estar sob tutela do Estado. Apresenta, em seus espaços, uma maior abertura e aproximação com os *outsiders*, diferente do caráter restritivo que a escola por vezes assume. Essa aproximação é um investimento, um meio de evangelizar e trazer a maior parcela possível da sociedade para

dentro. Contudo, mesmo sendo possível enxergar a catequese de uma paróquia a partir da categoria não formal da educação, é necessário pontuar um outro resultado em relação a esse aspecto. É expressiva a tentativa de aproximar a estrutura física e simbólica da instituição escolar formal, principalmente na catequese infantil. A organização espacial é composta por elementos significantes que são historicamente atribuídos à escola convencional, tais como quadro para exposição do conteúdo, giz, materiais didáticos e ocupação dos espaços.

Além desses aspectos organizacionais, institucionalmente existe um sistema de progressão hierárquico que se assemelha à seriação básica da escola. São divididas em fase inicial, intermediária e final, com conteúdo específico para cada uma, cuja elaboração é cuidadosa e preparada pedagogicamente pela Diocese e Paróquia. O objetivo é a incorporação total por parte dos catequizandos dos fundamentos religiosos para obtenção dos sacramentos e, para além da doutrina, uma visão de mundo e postura partindo dos princípios cristãos.

Observamos, ainda, a existência de uma hierarquia organizacional. Ela se configura como um departamento muito importante dentro da instituição. É ele o responsável pela inculcação da doutrina e do *ethos* da denominação religiosa. Esse departamento funciona e se configura de maneira sistematizada, com funções definidas de cada ator nesse setor, possuindo coordenação, professores e auxiliares. Seus processos educativos, e inclusive pedagógicos, são construídos tendo como referência a forma de ensino tradicionalista e sistemático da educação formal.

A experiência etnográfica permite apontar que todo esse esforço de se aproximar do sistema formal, do saber historicamente sistematizado e consolidado, é uma alternativa concreta de conferir sentido, seriedade, e de tornar tudo conteúdo, legítimo, passando-o a quem está na posição de educando, principalmente na fase inicial.

A inserção na catequese e a transmissão dos ensinamentos do catolicismo se iniciam em uma determinada faixa etária, quando é entendido que o indivíduo pode ser ensinado de forma mais efetiva, na qual se inicia o processo de institucionalização ou a tentativa de fazê-lo. Os questionários propostos à turma de catequese apresentam como resultado os pais que nasceram em lar católico e seguiram praticantes na vida religiosa, a troca intergeracional da tradição, os ensinamentos daquilo que acreditam e a educação religiosa são mais eficazes e assumem formas mais rígidas e sólidas.

Os espaços da paróquia e seus processos educativos desde a base, com crianças em período de pré-catequese até a morte, reverberam em questões econômicas, sociais, culturais e comportamentais, como sinaliza o padre na entrevista ao dizer que essa identidade é produzida durante toda a vida. Bourdieu (2011) aponta que um campo sofre interferências e se reconfigura a partir de outros. Essas influências de diferentes campos, como o político, por exemplo (notório, sobretudo, durante o período de trabalho de campo espaços da instituição que ocorreram na ocasião do processo eleitoral nacional), implicam diretamente no tom das homilias e dos ensinamentos da catequese. Os sujeitos interpretam os acontecimentos que envolvem as questões que escapam da ordem religiosa a partir do *habitus*, que incorporam durante a vida religiosa, das experiências com o sensível e das relações estabelecidas dentro da igreja.

Isso ocorre uma vez que a adesão aos princípios do fundador, Jesus, por meio da catequese, é o caminho para a inserção na vida cristã, no *pedaço* católico e princípio distintivo frente ao mundo. Magnani (2002) concebe o *pedaço* como sendo uma rede peculiar de relações que transcendem laços de parentesco, responsáveis por instaurar códigos capazes de distinguir e classificar. Esses símbolos emergem do reconhecimento de signos partilhados que são responsáveis por construir identidades pautadas nesses códigos, já que este é um fenômeno produzido em referência e a partir de critérios de aceitabilidade. Desse modo são os critérios religiosos apreendidos durante o processo de ensino-aprendizagem que são colocados em prática e passam a reger a atuação e a distinguir os sujeitos.

Paulo Freire (2005) destaca que é por meio da utilização desses signos gerados na dialogicidade que acontece o refinamento da condição humana. As aulas são repletas de diálogos e construídas em conjunto dentro do que é planejado. Logo, é a partir da transmissão dos ensinamentos e caminhos considerados corretos que a instituição católica desde os primórdios produz, objetiva e subjetivamente, a pessoa católica. Dessa maneira foi possível perceber a dialética da estrutura eclesial: ora se constrói de forma objetiva, ora é construída subjetivamente. Nesse processo há a tentativa de transposição da tradição e dos dogmas da instituição para a consciência, como aponta Berger (2017).

A entrevista com uma mulher, mãe de 5 filhos que estão e passaram pelo processo da catequese – uma professora de 42 anos, casada e católica praticante desde sua concep-

ção –, deixa mais evidente e ajuda a pensar essa subjetividade que é manuseada pela instituição. Segundo ela, a educação na fé católica tradicionalista e espiritual, que seus dois filhos jovens tiveram desde a infância, asseguram-lhe que pode “soltá-los em qualquer lugar do mundo” que “eles [seus filhos] organizarão o domingo, independente se tiverem uma festa para ir com os amigos ou outro compromisso, para saber em que horário irão à missa” (Entrevista Mãe, Goiânia-GO, 05 de fevereiro de 2019).

Da mesma forma, a mãe garante que essa base sólida foi essencial no preparo para o enfrentamento de diversas questões. A cristã aciona em sua memória os relatos de intolerância religiosa sofrida por seus filhos no período escolar por parte de colegas de outras denominações do cristianismo que recusam a devoção a imagens e a outras práticas do catolicismo. Segundo ela, seu filho “sempre chegava [da escola] falando que os colegas diziam que ele iria para o inferno”, mas reforçando seu argumento no que tange à formação religiosa que ele teve, acrescenta que “nunca nada disso o abalou, pois a educação dele foi muito sólida e nós o ensinamos a estudar a religião e colocar esses ensinamentos na vida” (Entrevista Mãe, Goiânia-GO, 05 de fevereiro de 2019).

No interior do campo é possível perceber uma troca pontual com elementos da modernidade ao se apresentarem de forma inclusiva, pluralista e disposta a fazer concessões. Esse traço, chamado por Michael Löwy (2000) de tendência orgânica modernizadora-conservadora, foi uma forma de manter seus jovens institucionalizados e assíduos às atividades paroquiais. É enfatizada a figura do fundador da religião, Jesus, como uma personagem que de fato é amor e perdão, tal qual é utilizado como argumento por agendas e movimentos sociais que foram marginalizados e perseguidos pelo cristianismo durante muito tempo. Trata-se de uma forma de positivar e retirar o julgamento moral no que concerne à sexualidade, às práticas, ao corpo e às diversas outras questões dessa ordem.

Apesar da abertura à diversidade e à inclusão, esses ensinamentos sempre são seguidos de conjunções adversativas que reforçam que Ele é de fato amor, mas que isso não o torna permissivo. São acionadas passagens que reafirmam tudo isso, mesmo tendo sido criada uma narrativa desconstruída referente ao Evangelho para torná-lo mais atraente. É justamente nesse ponto que se observa o movimento da instituição no sentido de mantê-los associados ao edifício de ritos religiosos, conforme relata em entrevista uma catequista de 33 anos, mãe, casada, bióloga, mestre em educação e à frente da turma de jovens/adultos na catequese formalizada no interior da paróquia:

Jesus quer que a gente aja de maneira correta, que a gente não faça isso e não faça aquilo, não porque ele é rígido. Deus não é um Deus que impõe e que castiga, Ele não é isso. Ele quer que a gente aja dessa forma porque ele quer o nosso bem, a nossa felicidade. [...] Deus é um Deus de perdão. Não podemos pensar que não vamos pecar porque Deus vai nos castigar, vai nos punir. Não podemos ter medo de Deus. Ele não é o Deus do castigo. Temos que procurar não pecar porque amamos a Deus e eu não queremos ofendê-lo, eu não quero me afastar de Deus. Jesus é perdão e de amor. Todos os ensinamentos são de amor e ele quer o seu bem (Entrevista catequista, Goiânia-GO, 14 de dezembro de 2019).

Como é possível perceber, é pelo fato de não ensinar um conjunto de doutrinas, regras e padrões de conduta permissivos que a instituição tem conseguido persistir. Trata-se de uma instituição que não fez trocas pontuais com a modernidade e, apesar de esboçar um movimento nesse sentido, não almeja de fato a possibilidade de produzir um sujeito autônomo, já que a chamada *comunidade na diáspora* e as múltiplas pertencas tendem, de fato, a se intensificar.

Existe um esforço em docilizar corpos desde a fase inicial com discursos morais e práticas dotadas de emoção e encantamento. A visão de que corpos juvenis tendem a ser considerados rebeldes, atribuindo a esses sujeitos o sinônimo de subversão, mostra como é concebido não só dentro desses espaços, mas no imaginário social, a noção construída historicamente do que é ser jovem e como esses corpos devem ser controlados.

Em um contexto pluralista, a instituição disputa com uma gama de afazeres que tendem a diminuir o compromisso religioso, principalmente do jovem. Nesse sentido, tem reagido dentro desses espaços, por meio do fortalecimento da narrativa que reforça a necessidade de o sujeito estar na igreja, missas e catequese, por exemplo, para absorver e integrar às atitudes diárias os princípios que ali são transmitidos. De acordo com uma das interlocutoras desta pesquisa (uma das catequistas da paróquia), é necessário enfatizar durante as aulas que o ser católico não é produzido apenas a partir da adesão à religião, mas sobretudo por meio da produção e incorporação cotidiana do conjunto de saberes transmitidos, algo zelado de perto, que deve se manifestar nas atitudes frente ao círculo social.

A narrativa dos responsáveis acerca dos espaços catequéticos, constatada por meio da entrevista com um dos líderes da paróquia, destaca-se em relação às outras. Segundo ele, existe um esforço entre os responsáveis em ampliar a compreensão da catequese e não

a conceber com o fim último de alcançar apenas os sacramentos. Os responsáveis procuram entender as pessoas como sujeitos de suas histórias, auxiliando-as a dialogar com o mundo. Nas palavras do então padre vigário, 52 anos, pertencente à congregação passionista e alinhado com as perspectivas da Teologia da Libertação:

A compreensão de padre da igreja hoje, em relação a catequese que é: nós compreendemos a catequese como processo permanente de educação da fé. O que que é isso? Não é mais ter aquele perfil daquele catequista, daquele orientador, que ele transmite um conteúdo ao sujeito, que é o catequizando, né, então aquele catequizando que não sabe e tem que ter alguém que ensina. Quando nós falamos e compreendemos a catequese como um processo permanente de educação na fé, é pensando esse sujeito na vida toda. Esse sujeito que tem algo a dizer, esse sujeito que tem uma experiência de Deus e quer ampliar isso no processo catequético. [...] um dos objetivos da catequese, é também, desenvolver um processo com as pessoas para que elas tenham condições de dialogar com essas diferenças de manifestações religiosas, né, porque hoje você percebe que tem um grau elevado muito grande de intolerância, né, as pessoas partem do princípio: “não a minha igreja é a certa”. Não, eu costumo dizer assim, olha: quando bem vividos e vividas, todas as religiões, o princípio delas é ajudar as pessoas a desenvolver um processo de maturidade na fé, o princípio é este. Agora, são caminhos diferentes, mas que ajudam as pessoas a irem até Deus. Para mim esse é o princípio básico. E a catequese ela precisa ajudar as pessoas a desenvolver um processo de tolerância, um processo de diálogo, não processos de disputas e um processo que ajude as pessoas a compreender sua vivência de fé (Entrevista Pároco, Paróquia Nossa Senhora de Aparecida, Goiânia-GO, 14 de maio de 2019).

Em sua análise sobre os cenários da Igreja Católica, Libânio (2012) indica o advento de um novo cenário chamado por ele de *igreja plural fragmentada pós-moderna*, que trata sobre a junção de todos os cenários e tipos de catolicismo dentro de uma paróquia e/ou comunidade, onde as fronteiras entre um e outro são fluídas e bricoladas. Nesse contexto de religiosidade na contemporaneidade há diálogo e convivência com uma realidade repleta de múltiplas vias, caminhos de existência e modos de ser católico. Essa prática se expressa por meio da mistura de diferentes aspectos, como: religiosidade tradicional, secularização, militância, modos de ensino e sabedoria, compromisso social, carismatismo e pentecostalismo, glossolalia, presença fervorosa do Espírito Santo e existência de fiéis institucionalizados e não institucionalizados.

O autor afirma que o catolicismo brasileiro é, por assim dizer, uma colcha de retalhos que não apresenta um único tipo, tendência, face, cenário ou modelo. Como assinalado, existem transferências de um para o outro. Transferências essas que tornam possível falarmos em uma bricolagem que ganha contornos a partir das trocas entre cenários, onde as fronteiras borradas e não delimitadas, de modos de ser católico, salientam não só a realidade social do catolicismo brasileiro como um todo, mas também colaboram na compreensão da realidade do catolicismo em uma cidade, como Goiânia/GO, paróquia ou comunidade.

Desse modo, buscando identificar um desses modelos dentro da Paróquia pesquisada, o resultado encontrado foi esse tipo bricolado de catolicismo. Todavia, contrariando a hipótese de que o aspecto heterogêneo era enxergado positivamente, percebemos que esse caráter pluralista com capacidade de reconhecer o diverso incomoda aqueles autodenominados praticantes e apegados aos preceitos e à tradição romana da instituição. Inclusive, é algo que tem provocado a mobilidade desses fiéis que defendem a primazia da transmissão dos conhecimentos ditos *puros*, defendendo como cerne da IC a tradição e o espiritual em detrimento do social e da acolhida, caso destacado por pais interlocutores, sobretudo da mãe entrevistada.

Nesse caminho, o tipo de catequese proposta, mais aberta a experimentações em relação a outras, leva os pais que se identificam com a vertente definida por Libânio (2012) como *Igreja da Instituição* a migrarem para outras, onde a educação alicerçada nos princípios tradicionalistas é difundida de maneira inflexível. Essa preferência se refere há um sentimento de que é apenas por meio do ensino rígido da doutrina, de um espaço uniforme, hierarquicamente organizado, e de disseminação de uma *verdadeira* fé que o sujeito católico se produz com efetividade e solidez. A visão é ilustrada pela mãe entrevistada: “foi dessa forma que a igreja [católica] se manteve por mais de 1.500 anos, somente repassando a tradição e essa abertura para o âmbito social não pode ser central” (Entrevista Mãe, Goiânia-GO, 05 de fevereiro de 2019).

No que tange ao contexto juvenil da instituição especificamente, existe um grande fluxo transitório de jovens nos ambientes da igreja. As passagens e trocas intergeracionais se adelgaçam cada vez mais. Nesse sentido, os sociólogos Flávio Sofiati e Alberto Moreira (2018), ao construírem um painel que versa sobre o contexto contemporâneo da IC e do catolicismo no Brasil, defendem que:

[...] o fato de a própria Igreja Católica, por conta da crise da socialização católica e da individualização das crenças, além do surgimento de novos especialistas midiáticos do sagrado (Moreira, 2008), haver perdido muito o controle sobre o processo social de interpretação de seus próprios códigos fundantes. Os variados agrupamentos internos ao catolicismo (bem com os externos a ele) apropriam-se do capital simbólico da instituição e o desenvolvem ou aplicam conforme interesses específicos. As adesões são buscadas sem que os discursos obedeçam a uma forma única de organização ou controle, tornando de fato a atuação católica cada vez mais fragmentada no cenário contemporâneo (Sofiatj; Moreira, 2018, p. 278).

Assim, existe um espaço marcado por critérios de aceitabilidade (Magnani, 2002) bem delimitado de jovens. Esse espaço é constituído por um circuito que compreende outras paróquias e atividades (grandes encontros da juventude católica promovidos pela Renovação Carismática, por exemplo) que se dispõem a negociar com o múltiplo e apresentam uma forma renovada de vivenciar o catolicismo, oferecendo outros elementos para o indivíduo expressar sua fé de acordo com seus interesses.

Um exemplo bastante acionado em campo para dizer sobre esse movimento diligente em (re)criar e frear as múltiplas pertencas é a Paróquia Nossa Senhora Assunção. Ela está localizada geograficamente próxima ao contexto desta pesquisa e é administrada por um pároco que, ao longo dos anos, se consolidou enquanto uma figura conhecida em todo o estado pelo tom entusiasta e midiático de transmitir os ensinamentos da religião, mesmo contrariando a Arquidiocese de Goiânia/GO. Há quem responde hierarquicamente, transformando-a em um modelo paroquial que tem se fortalecido como tendência dentro do catolicismo, qual seja, aquela que está se esforçando em absorver os interesses da juventude, buscando reagir à perda de seus fiéis, sobretudo, da parcela juvenil. Nessa direção, notamos, no contexto do catolicismo goianiense, a disposição em realizar concessões dentro da estrutura tradicionalista quando se deparam com o declínio de fiéis, em especial entre os jovens, o que os leva a elaborar táticas que abalam o elevado trânsito religioso e a desinstitucionalização.

Entretanto, a principal estratégia que se pôde mapear para reagir ao enfraquecimento da pertença religiosa foi o investimento da paróquia na educação religiosa, por meio de todos os seus ambientes, faixas etárias e público que estabelecem relação com a igreja. E, além disso, o fato de conceber os espaços catequéticos e da comunidade em geral de forma mais dinâmica e menos rigorosa mostrou-se também como artifício para evitar a cres-

cente desinstitucionalização da experiência religiosa. Essa preocupação e foco nos processos educativos possibilitam aproximá-la da visão de educação popular, proposta por Paulo Freire, contra a educação bancária e passiva. Vimos, por exemplo, nas palavras do padre:

Quando você apresenta um espaço que é bom para conviver, que você não anula esse sujeito, que ele alimenta a sua fé, ele permanece. O que talvez, hoje, esteja acontecendo, e isso a igreja católica precisa fazer um exercício para sua avaliação, é que ninguém aguenta, sobretudo a juventude, quando tem uma comunicação que na verdade não comunica, né? Que tem uma apresentação de um Deus que não é cativante, de um Deus que é muito mais vingativo do que amoroso, de um Deus que é muito mais punitivo do que misericordioso... Não... *essa forma de apresentação, as pessoas não aguentam, elas não ficam, não é? Elas vão ficar em um espaço em que elas vão se sentir bem, né?* (Entrevista Padre, Goiânia-GO, 14 de maio de 2019, grifo nosso).

Essa fala vai ao encontro do dinamismo e da interatividade que as catequistas e auxiliares assumem tanto na fase inicial quanto na turma de jovens-adultos. De forma efusiva e espontânea, durante as aulas e homilias, são acionados signos da tradição religiosa que operam e oferecem ao sujeito novos elementos que se articulam e estruturam a estrutura estruturada, o *habitus* e a identidade católica produzida através dos processos de ensino-aprendizagem elaborados e colocados em curso.

É um dado importante o lugar que as/os catequistas (professores/as) ocupam nesses espaços. Mesmo que inconscientemente é assumida a responsabilidade por meio do processo de ensino-aprendizagem de docilizar os corpos dos sujeitos que estão na posição de educandos. É por meio deles que a instituição enxerga e reconhece de maneira cuidadosa cada catequizando. Todos os gestos e palavras devem e são cuidadosos por parte desse/dessa agente que é incumbido/a de transmitir os dogmas e ritos que compõem a identidade católica, uma vez que suas atitudes e ensinamentos são vigiados e apreendidos. Isso se torna ainda mais evidente na base – ou seja, com as crianças – na qual a igreja desprende mais esforço, energia e preocupação. Existe o reconhecimento e uma autoridade eclesial que tornam o/a catequista um modelo.

Desse modo, de uma maneira descontraída e didática, sempre são acionados elementos na tentativa de reforçar a necessidade de retomar os valores tradicionais e conservadores, pertencer a uma instituição, comungar, ir às missas, institucionalizar-se. Para, de fato, ser como Jesus e viver de acordo com o que é considerada como a grande matéria-

prima e o direcionamento da vida em todos os âmbitos: a Bíblia. É importante pontuar que as sagradas escrituras possuem uma larga agência e papel central não só dentro desse campo, como também na vida em geral do cristão.

São utilizados, ao lado da Bíblia, conteúdos e atividades pré-determinadas pela Diocese, da revista católica *Querigma*, utilizando a linguagem dogmática da instituição, que não oferece espaço para questionamentos. De certa forma, é por meio desses discursos autorizados e reconhecidos como verdadeiros/legítimos que o processo de ensino-aprendizagem da instituição tem efeitos e produzem a partir da experiência (Bondía, 2002), das sociabilidades (Nascimento; Hetkowski, 2009) e na negociação, corpos específicos.

Em diálogo com Pierucci (2009), Sofiati e Moreira (2018, p. 295) ressaltam ainda que, nos tempos hodiernos, nos quais se verifica uma intensificação do individualismo e um amplo acesso às redes de comunicação, o catolicismo tende – e a experiência em campo na paróquia estudada valida o argumento – a se tornar cada vez mais plural, sendo que suas redes de controle e dominação se encontram menos marcadas e aparentes, apesar da estrutura apresentada na catequese. Segundo o então padre da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, as estruturas eclesiais não permitem a utilização da potencialidade dos espaços da comunidade e impõem à hierarquia uma série de obstáculos:

Hoje, qual a tendência que está crescendo muito? Tem pessoas que conseguem viver a sua mística, cultivar a sua mística ou a sua fé, sem necessariamente estar em um grupo instituído. Eu vou em um espaço que eu quero, quando eu quero, da forma que eu quero e com a sequência que eu quero, né? Talvez nós pensamos assim numa pessoa que para ela desenvolver bem a sua fé então ela precisa ter uma sequência de participação, um lugar de participação... e hoje, existem diversos amigos e frequentadores assim, as pessoas começam a cultivar sua mística sem necessariamente estar ligada a um espaço institucionalizado e aí essas pessoas não são fiéis? Eu acho que não. (Entrevista Padre, Goiânia-GO, 14 de maio de 2019).

Contudo, como assinalado pelo Padre, na grande Goiânia os circuitos de comunidades e paróquias, que mesmo contrariando as estruturas eclesiais rígidas da arquidiocese, se apropriam da cultura midiática, de outros códigos e possibilidades como uma estratégia eficaz para angariar pessoas e se manterem nesse contexto. Assim, é possível se alinhar ao que Sofiati e Moreira (2018, p. 295) destacam: “estaríamos diante da análise de Pierucci (2009) que sentenciava o seguinte: ‘a igreja católica exige muitíssimo de uns poucos (monges e

freiras, bispos e padres) e pouco, bem pouco dos muitos”’. Diante do trânsito e crise vivida pelo catolicismo, essa abertura, ainda que se mostre tímida, é tida como um remédio a ser ministrado.

A pesquisa apontou para a presença intensa da lógica dos *católicos na diáspora*, principalmente entre os jovens, por se tratar de uma paróquia que também se insere, pela Renovação Carismática Católica (RCC), no circuito de comunidades que realizam trocas simbólicas com elementos e aspectos da cultura juvenil secular. Essa abertura é resultado do despertar da instituição para a fragilização da tradição e a rigidez do catolicismo institucional, assim como se atentou para o aumento da procura – e por consequência ofertas – de múltiplas opções para vivenciarem sua fé.

Entendemos, portanto, que é nesse movimento de negociação, de ceder em alguns aspectos e se apresentar de forma mais aberta para o público jovem, tal qual em sua tentativa de reconhecer o diverso, desde experiências locais, como a da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, que “o catolicismo brasileiro mostra como tal diversificação contribui para a manutenção ou, em alguns casos, para o fortalecimento do catolicismo na atualidade” (Sofiati; Moreira, 2018, p. 278).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A etnografia, método principal utilizado neste trabalho, cuja ênfase foi dada às estratégias interativas e à observação participante, viabilizou a compreensão analítica e as reflexões sobre a realidade do catolicismo na cidade de Goiânia/GO desde os espaços da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, sua juventude, redes de sociabilidades, significações e processos educativos no contexto de intensificação do pluralismo e do trânsito religioso evidenciado pelo Censo Demográfico (IBGE, 2010).

No decorrer da pesquisa de campo, muito mais que observar se a catequese e seus elementos se enquadravam e poderiam ser considerados um tipo de educação, qual seja, a não formal, a etnografia buscou perceber e localizar os sujeitos e suas perspectivas. Esse movimento resultou na compreensão de como se relacionam e agenciam espaços e processos, negociando com a instituição a construção das suas representações e identidades, desde suas histórias e experiências subjetivas com o sensível.

Como procuramos demonstrar através da breve retomada histórica da relação da IC com a educação, as grandes potencialidades dos processos educativos para transformação ou reprodução do *status quo* são fortemente reconhecidas. No que tange à educação não formal, apesar desses espaços supervalorizarem o espiritual em detrimento do científico-racional, entre outros elementos, a experiência etnográfica permite dizer que o esforço de se aproximar, física e simbolicamente, refere-se a uma tentativa da Igreja de tornar suas práticas legítimas e inteligíveis, atribuindo sentido e importância aos conteúdos para os agentes que assumem a posição de educandos. Não obstante, como responsáveis pela educação e agentes centrais neste processo inicial de institucionalização, os pais que narraram nascer em lar católico e seguiram praticantes na vida religiosa demonstraram que desde a base transmitem com rigidez os ensinamentos do catolicismo e a educação religiosa, logo, mais efetivos, tornando exitosos os processos de institucionalização, ou a tentativa de fazê-lo mais facilmente.

Por outro lado, os dados produzidos durante a pesquisa indicaram que esse perfil tradicionalista e com compromisso religioso ortodoxo tem se tornado escasso, e essas passagens intergeracionais tendem a se adelgaçar cada vez mais. Os jovens interlocutores que se declaram não praticantes e que transitam entre diferentes denominações do espectro religioso cristão expressam justamente a fragilidade da transmissão da tradição dos mais velhos para os mais novos, justificando a importância e a preocupação da paróquia em fortalecer as bases religiosas de seus jovens na catequese desde a primeira infância. Isso porque a maior parte daqueles que foram inseridos tardiamente na instituição e na catequese com o objetivo de obter os sacramentos, *a priori*, pertenceram e/ou transitaram por outras denominações religiosas. Esse cenário ilustra a expressiva quantidade de jovens desinstitucionalizados e sem raízes que os prendem necessariamente ao catolicismo e que, apesar de frequentarem esporadicamente, não sentem a necessidade da vinculação institucional para exercer a fé.

As aprendizagens no interior desses espaços pretendem ser distintivas. Buscam gerar uma nova consciência do que se é, da forma de se portar e de agir, tendo como diretriz educativa os dois paradigmas extremos do cristianismo aprendidos com a Bíblia nos espaços da Igreja: o céu e o inferno. É durante esse processo de ensino-aprendizagem que a instituição procura estabelecer uma ruptura abrupta com os fluxos contínuos exteriores já internalizados e entram no jogo de disputa com outros campos sociais, tal como a escola.

É a partir desse jogo de disputa que os espaços da paróquia e seus processos educativos desde a base passam a reverberar na atuação dos agentes inseridos nesses espaços em questões econômicas, sociais e culturais. A doutrina, o *saber-ser-fazer* e o *ethos* convenido pelo habitus, produzidos e fortalecidos no interior da instituição, ganha o lugar de bússola na vida dos sujeitos. É esse o conjunto de conhecimentos utilizados para atuar no mundo, transformando material e subjetivamente suas realidades sociais.

Por esse caminho, concluímos que os processos educativos transcendem o repasse da doutrina e dos dogmas. São, acima de tudo, a difusão da identidade católica e dos valores frente à sociedade, a produção de sociabilidades e as reconfigurações das relações sociais que passam a serem pautadas pelos signos do catolicismo. Apesar da tentativa de homogeneizar, por parte da instituição em uma única identidade frente ao mundo (a católica), o campo apresentou a multiplicidade e a fluidez das identidades dentro desses espaços. Os sujeitos não são papéis em branco que recebem a grafia paroquial passivamente. Pelo contrário, essa imagem, que procura ser construída por meio dos processos brevemente descritos, ao passo que é coercitiva, como é característico das instituições, é negociada. Negociam-se os interesses, negociam-se as opiniões, negociam-se os espaços e os elementos que são permissíveis.

A pesquisa de campo permite dizer que o fato de não inculcar um conjunto de doutrinas, regras e padrões de condutas permissivas é o que tem possibilitado a instituição perdurar nos tempos hodiernos. Apesar das trocas pontuais realizadas com a modernidade, a instituição tem tentado minimamente realizar um movimento de equilíbrio nesse sentido, mas não a ponto de produzir um sujeito livre, já que, para a instituição, é sabido que a chamada *comunidade na diáspora* e as múltiplas pertenças tendem a se intensificar ainda mais na contemporaneidade.

A igreja é uma estrutura constitutiva que produz, objetiva e subjetivamente, o habitus. Desse modo, conclui-se que a instituição tem feito, como alternativa de enfrentamento à desinstitucionalização, concessões dentro da estrutura eclesial ao ser confrontada com uma crescente fragilização da tradição, reagindo à perda de fiéis por meio de um modelo menos engessado, capaz de oferecer outras formas de vivenciar o catolicismo, de modo a se adequar melhor aos interesses dos indivíduos. Trata-se de uma estratégia para contornar o declínio ao catolicismo. É por meio do investimento naquilo que a instituição sempre apos-

tou – a educação religiosa – que a Igreja busca sua manutenção no campo religioso, evitando o trânsito religioso e almejando a conquista dos *senhores de si mesmo*.

REFERÊNCIAS

- RUMSTAIN, Ariana; ALMEIDA, Ronaldo. Os católicos no trânsito religioso. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 31-56.
- BERGER, Peter L. *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BONDÍA, Jorge Larossa. Nota sobre a experiência e o saber da experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, jan./abr. 2002, p. 19-28.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 2011.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; PESSOA, Jadir de Moraes. *Os Rostos de Deus do Outro*. São Paulo: Loyola, 2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Catolicismo. Catolicismos? In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *Religiões em movimento: o CENSO de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 89-110.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. In: *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v. 14, n. 50, 2006, p. 27-38.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico de 2010 – Características Gerais da População e Instrução 2010 (resultados da amostra)*. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 2010.
- LIBÂNIO, João B. *Cenários da Igreja num mundo plural e fragmentado*. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- LÖWY, Michel. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, 2002, p. 11-29.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. (Vol. XLIII – Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria (org.). *Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas*. Salvador: Edufba, 2009.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. É fácil ser católico. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 15-16.

PONCE, Aníbal. *Educação e luta de classes*. 9ª ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989.

SOFIATI, Flávio Munhoz; MOREIRA, Alberto da Silva. Catolicismo contemporâneo: à guisa de introdução. In: *Revista Caminhos – Revista de Ciências da Religião*, v. 16, n. 1, 2018, p. 4-13.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. (Vol. 1). 3ª ed. Brasília: UnB, 1994.

ABSTRACT:

The paper analyzes the catechesis developed with young people in Our Lady Appeared parish, situated in Goiânia city (GO). Through ethnography, we seek to understand catechesis as a space that produces non-formal educational processes in the Catholic institution, aiming to identify the social representations and identities built from religious education, especially in the context of the intensification of pluralism and religious transit. The proposition is to map the strategies triggered by Catholicism in Goiás state to re-signify practices and appropriate multiple signs in order to maintain the feeling of belonging, the diffusion of traditions and the avoidance of the loss of believers. We have found that, through catechesis, the institution bets on negotiation with youth interests and on the realization of concessions that operate in order to face deinstitutionalization.

Keywords: Religion; Catholicism; Youth; Non-formal education.

Recebido em 01/09/2022

Aprovado para publicação em 20/10/2022